mundo

Relatos expõem fase atual da Covid na Europa

Jornalistas em Itália, Espanha, Bélgica, Portugal e Reino Unido descrevem panorama da crise no continente 1 ano depois

SÃO PAULO Um ano depois do início da pandemia, a **Folha** convidou jornalistas de cinco países europeus para relatar o panorama da crise sanitária no continente, o que revelou níveis de otimismo muito díspares.

*

Esperança é a de que luz no fim do túnel volte a piscar

Michele Oliveira

MILÃO Segunda Páscoa em confinamento, mas quanta diferença entre um ano e outro. Em março de 2020 havia muito medo, mas também a adrenalina do ineditismo e uma ingênua esperança. A quarentena parecia algo temporário a ser recompensado pelo verão em liberdade.

Não foi bem assim. Os meses do verão foram tão intensamente aproveitados pelos italianos que gerou uma segunda onda de contágios e mortes.

O Natal e o Ano Novo foram em clima de lockdown, mas o sentimento era de um sacrifício com dias contados. A vacina já estava sendo preparada para distribuição, e antes da virada do ano a campanha começou em Roma.

Três meses depois, estamos em casa, com escolas fechadas e uma lista grande de vetos.

O premiê mudou e a coordenação da emergência sanitária passou a outras mãos. No entanto, seguimos aflitos, acompanhando os boletins diários.

Nesse terceiro confinamento, em vez de adrenalina, fadiga. E a vacinação, o alívio do segundo lockdown, caminha a passos tão trôpegos que a luz no fim do túnel parece apenas um pisca-pisca defeituoso. São incompetências e variantes diferentes das do Brasil, mas como explicar que a Itália, mesmo sem ter tido uma condução negacionista e com todos os recursos da União Europeia, continue entre os países com maior número de mortes causadas pelo Covid-19?

Não se trata de duvidar da eficácia das medidas restritivas. Os números provam que as quarentenas são necessárias e salvam vidas. Mas o efeito dessa terceira vez é a dificuldade de me deixar convencer de que o cenário vai melhorar no curto ou médio prazo.

Como acreditar que vai dar certo o enésimo plano do governo italiano, com meta de vacinar 500 mil por dia (hoje são cerca de 200 mil/dia) e todos os 50,7 milhões de cidadãos acima de 16 anos até o início do outono, se um centro de vacinação passa dois dias vazio por falhas no sistema de agendamento?

Ou, no cenário em que as coisas comecem a funcionar melhor na Itália, como ser otimista sendo brasileira e vendo o país ser tratado, com razão, como um celeiro de perigosas variantes do vírus? Como lidar com o espanto dos amigos daqui? Para eles, digo que ao menos no Brasil a vacina já chegou à minha avó. Só assim para o farolzinho fraco no fim do túnel voltar a piscar.

Estamos cansados até de dizer que estamos cansados

Susana Bragatto

BARCELONA Na Catalunha, um dos epicentros da pandemia, atualmente há 4.452 pessoas na UTI e uma taxa aproximada de 7.000 novos contágios na última semana. São 7,6 milhões de habitantes em toda a região. Na Espanha inteira, registraram-se 590 mortos por Covid entre quinta e sexta (26) e 7.586 novos casos.

Ora, meuzóio saltam das (aparentemente) minguadas cifras supracitadas para a megatômbica situação brasileira: estamos loucos? Na Espanha, ainda que a gente não esteja morrendo aos milhares e o premiê e o rei espanhóis sejam anjos celestiais perto do Bolsonaro, o clima segue tenso.

Mas um ano após o primeiro confinamento, o coronavírus deixou de ser a estrela única das manchetes na Espanha. Crises políticas têm dominado o interesse público.

Com um tímido otimismo, o país se prepara para a Semana Santa, feriadão mais-do-que-significativo num país pirilimpimpado pela Opus Dei e por catolicismos.

O índice de infecções voltou a subir discretamente nos últimos dias, o que acendeu o alerta para riscos de uma possível quarta onda (ayay-ay) pós-feriado. A perspectiva é preocupante também devido ao lento ritmo de vacinação, afetado por repetidos cortes na distribuição da AstraZeneca, por exemplo.

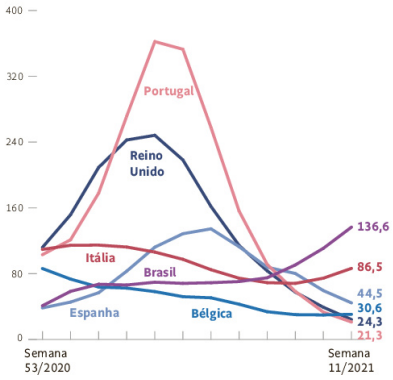
As medidas restritivas atuais variam um pouco conforme o território, mas seguem o cardápio básico: confinamento de regiões, comércio com horário e lotação controlados, toque de recolher, no mínimo, entre 23h e 6h e grupos reduzidos (seis pessoas em espaços abertos, quatro em fechados, e apenas "conviventes" em espaços privados).

O slogan-apelo governamental da vez canta mais ou menos assim: não salvamos semanas, salvamos vidas. Amigos já vacinados compartilham anedotas sobre efeitos colaterais das vacinas: um pouco de náusea, fadiga, dor. Pra meu (leve) espanto, mais de um ser humanus me afirmou que não "acredita" na vacina (!). Por fim, as conversas casuais já sequer começam com um "estou cansado dessa p*** toda" (sic). Tamo cansado até de dizer que tamo cansado.

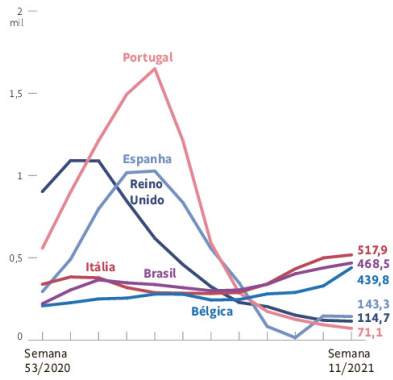
Talvez —penso cá do meu microobservatório barcelonês— estejamos todos demasiado saturados de megalonúmeros e megamancadas. Talvez estejamos cansados da sensação de impotência.

Situação atual da pandemia na Europa e no Brasil

Mortes por 1 mi de hab. nos 14 dias anteriores, por semana



Novos casos/100 mil habitantes na quinzena anterior



Fonte: ECDC (dados atualizados até a 11ª semana de 2021)

Melhor listar inesperados avanços que a tragédia trouxe

Ana Estela de Sousa Pinto

BRUXELAS No dia 15 de março o primeiro confinamento de Bruxelas completou um ano. Como as infelicidades da vida sob pandemia são iguais para todos, melhor listar alguns inesperados avanços que a tragédia trouxe para a vida coletiva.

1) Cafés de trabalho viraram passeios no parque, uma das soluções mais criativas —e saudáveis— para contornar horríveis videoconferências ou telefonemas frios. Marque seu compromisso profissional num lugar agradável e atualize a conversa numa caminhada —ao ar livre, de máscara. Não é preciso abrir mão nem da cafeína, já que na era pandêmica mais moderna restaurantes e cafés podem vender para viagem.

2) Livrarias foram reconhecidas como lojas essenciais. No paleolítico dos confinamentos, no ano passado, só mercados e farmácias se mantiveram abertos, reduzindo a tal "essência" da vida a comer, beber e se medicar. Com o passar do tempo, porém, Bruxelas destrancou lojas de jardinagem, bricolage, música e livros. De quebra, estimulou a reflexão sobre o que afinal é supérfluo.

3) A visita a museus, com hora marcada, melhorou 500%. Não é preciso explicar por quê.

4) Hora marcada, aliás, é a nova regra em Bruxelas para lojas de roupas, sapatos, eletrodomésticos ou qualquer outra categoria que escape das essenciais. Não melhora em nada a "experiência", mas mostra a burocracia evoluindo. Afinal, o que se quer evitar são aglomerações e contatos, não o comércio de qualquer artigo.

5) Preconceitos foram abaixo a força. Não os mais importantes, como racismo ou machismo, infelizmente. Falo de preconceitos mais modestos, pessoais, contra trabalho em casa ou aulas online. Descobrir que é possível se adaptar e até ganhar com a economia de tempo seguirá útil quando a pandemia acabar.

Um ano de restrições, aberturas e reapertos em Bruxelas mostrou também que é ingênuo contar só com o bom-senso e a inteligência humana —outra lição para levar para a vida.

Na praça a 100 metros de onde moro, as mesmas pessoas civilizadas que esperam comportadas, de dois em dois metros, para comprar uma baguete foram as que lotaram festas no verão, quando o governo soltou as amarras. Não é preciso ser negacionista para ceder ao "é só um pouquinho". Basta ser humano, mostram as sucessivas ondas que chegam por aqui.

Sombra da situação limite de janeiro segura otimismo

Giuliana Miranda

LISBOA Após mais de dois meses de confinamento, Portugal está em ritmo de "soft opening", com restrições caindo progressivamente até 3 de maio. Apesar de ainda não ser possível ir a restaurantes ou encontrar amigos, o toque de recolher foi flexibilizado e se pode aproveitar o sol em parques e praças.

Mas a sombra da situação limite pela qual o país passou em janeiro, com recordes de casos e mortes e o sistema de saúde próximo do colapso, ainda está, de alguma forma, presente. Essa tentativa de evitar o "já ganhei" tem norteado também o discurso das autoridades. A tentação, claro, é grande. Afinal, o país foi de 303 mortes em 31 de janeiro para apenas 8 no último sábado (27).

A vacinação também tem se destacado positivamente. Depois de um começo marcado por atrasos e denúncias de favorecimento, o ritmo engrenou. Mais de 1 milhão de portugueses (10% da população) já receberam a primeira dose, e mais de 450 mil (4,5%), a segunda.

A adoção do lockdown foi fundamental, e o governo condicionou o cronograma de reabertura à manutenção dos casos de Covid sob controle. Por isso, os noticiários trazem quase todos os dias longas explicações sobre o famigerado índice Rt, a taxa de transmissão do vírus entre as pessoas. A reabertura já impacta o índice, que subiu, mas ainda está dentro do previsto por especialistas.

Como a situação da pandemia se deteriorou em outros países europeus, que têm voltado a adotar confinamentos, o clima entre os portugueses é de menos otimismo do que no ano passado, quando havia a impressão de que o continente andava mais ou menos no mesmo compasso.

A situação brasileira também assombra os portugueses. Devido aos laços históricos e à grande comunidade imigrante, é impossível ignorar o que se passa do outro lado do Atlântico: a calamidade na saúde está nos jornais, na televisão, nas conversas do supermercado.

Minha nacionalidade é facilmente denunciada pelo meu forte sotaque carioca, e por isso costumo ouvir muitos questionamentos sobre por que o Brasil está do jeito que está. Enquanto não consigo me animar pelo Brasil, ao menos posso comemorar os bons resultados portugueses.

Saber de alguém que está com Covid-19 é cada vez mais raro

Marina Izidro

LONDRES Já é comum em Londres conhecer alguém que foi vacinado. Não só pais ou avós, mas amigos, conhecidos, muitos dos quais jovens. A previsão do governo britânico é dar a primeira dose para todos os adultos até julho e, se for preciso, uma terceira de reforço contra variantes a partir de setembro.

Estádios e pontos turísticos como a Abadia de Westminster e o Museu da Ciência viraram centros de vacinação. Saber de alguém que está com Covid-19 é cada vez mais raro.

Mesmo assim, o primeiro-ministro Boris Johnson até hoje é cobrado pela demora em agir no início da pandemia. São quase 127 mil mortes no Reino Unido devido ao coronavírus. Agora, autoridades também precisam lidar com outra questão: a saúde mental das pessoas.

O terceiro lockdown já dura três meses. Pubs não abrem desde dezembro. Restaurantes, lojas e museus estão fechados. Voltamos a cortar os cabelos em casa, conversar com amigos pela internet. Viajar de férias é ilegal.

O governo gastou 50 bilhões de libras (R$ 397 bilhões) em ajuda financeira para quem não pode trabalhar, mas a falta de convivência social tem um custo alto. Crianças deixaram de ir para a escola, e tanto jovens quanto idosos ficaram mais solitários. As medidas restritivas e a vacinação, por outro lado, surtiram efeito. Desde o início do ano, casos, internações e mortes diminuíram drasticamente.

A maioria da população entendeu que quanto mais cumprir as regras, mais rapidamente a vida volta ao normal. Existe um plano lento e gradual, mas que já começou.

Escolas reabriram neste mês. Em 12 de abril, pubs e restaurantes podem servir ao ar livre. Em um país apaixonado por futebol, a torcida volta aos estádios a partir de 17 de maio. Se tudo der certo, as restrições acabam no fim de junho.

Comecei a acompanhar o combate à pandemia mais de perto desde que me tornei voluntária em centros de vacinação em Londres. Organizo filas, tiro dúvidas. No mês passado, recebi a primeira dose. Todos os voluntários são vacinados. É uma forma de proteção mútua —afinal, estamos em contato com quem ainda não foi imunizado— e um agradecimento por nossa ajuda. É gratificante ver idosos sorrindo, contando que vão abraçar os netos. Histórias como essas não tem preço.

TODA MÍDIA

Nelson de Sá
nelson.sa@grupofolha.com.br

Cepa britânica, não brasileira, ameaça 'nova onda' nos EUA

Nos Estados Unidos, no final de domingo, a manchete do Drudge Report ainda era o "Pesadelo brasileiro", um "Risco para o mundo", linkando Associated Press e uma ampla reportagem do Wall Street Journal, enfatizando a variante brasileira, P.1.

Outros foram pela mesma linha no fim de semana, com o New York Times chegando a dar manchete online na tarde de sábado para os "hospitais sobrecarregados" devido, antes de mais nada, a "uma variante contagiosa", a P.1.

Mas o mesmo NYT levou ao alto da home, no domingo, que os "Casos voltam a subir nos EUA". Responsabilizou, antes de mais nada, "a variante que atingiu o Reino Unido, chamada B.117", a mesma que "levou a uma nova onda de casos na Europa".

Devido à agressividade da cepa britânica, que se tornou "dominante", a chanceler alemã, Angela Merkel, declarou dias atrás que a Europa enfrenta agora "basicamente uma nova pandemia".

O NYT publicou que "cientistas alertam que ela pode levar a uma nova onda nos EUA" e cita, de um epidemiologista de Harvard, que "a B.117 é assustadora".

O jornal destaca a Flórida, onde "a variante mais contagiosa identificada no Reino Unido está crescendo exponencialmente", mas Nova York também enfrenta alta, como ressaltou o Financial Times no início da noite.

RELAXAMENTO PREMATURO O salto inesperado nos casos já havia sido informado pelo governo americano na sexta, mas foi uma entrevista à CBS no domingo, de Anthony Fauci, principal assessor médico da Casa Branca, que disparou o alarme. Ele afirmou que é "prematuro" derrubar as restrições, como vários estados começaram a fazer.

SANTUÁRIOS AMAZÔNICOS Em reportagem bancada pela Iniciativa Norueguesa para o Clima, o NYT relatou no domingo a história do piloto Antônio Sena, que caiu com seu pequeno avião na Amazônia e passou 36 dias na floresta, até ser resgatado. "Uma história que parou os brasileiros", publica o jornal, "e que chamou a atenção para a indústria de mineração ilegal no Brasil, que floresceu em territórios indígenas e noutras partes da Amazônia que deveriam ser santuários".

'UMA HISTÓRIA DE ESCRAVIDÃO - E ESPAÇO'
No Washington Post, o correspondente Terrence McCoy foi a Alcântara, no Maranhão, e produziu extensa reportagem com o título acima; em suma, 'Os Estados Unidos querem lançar foguetes no Brasil. Isso pode significar a expulsão de vários milhares de descendentes de escravos'